

## O NOJO, O BEIJO E O DESEJO: UMA LEITURA DE *O REI SAPO*

### *THE DISGUST, THE KISS, AND THE DESIRE: AN INTERPRETATION OF THE FROG KING*

Aline de Melo Freitas<sup>i</sup>  
Thiago Lourenço da Silva<sup>ii</sup>  
Débora Cristina Santos e Silva<sup>iii</sup>

**Resumo:** Esta análise propõe uma leitura de viés psicanalítico do conto *O Rei Sapo*, dos Irmãos Grimm, fundamentada nas contribuições teóricas de Bruno Bettelheim (2002), que interpreta os contos de fadas como fundamentais para o desenvolvimento emocional infantil. A análise evidencia a estrutura narrativa linear, a função arquetípica dos personagens e o papel simbólico dos espaços naturais e sociais na formação da subjetividade. O ciclo do noivo-animal é interpretado como metáfora do processo de amadurecimento psicosexual, em que a repulsa inicial se transforma em aceitação e desejo. A pesquisa, de natureza bibliográfica, explicativa e interpretativista, destaca como a narrativa atua na elaboração de conflitos internos, possibilitando à criança a compreensão e superação de dilemas afetivos. Conclui-se que *O Rei Sapo* ilustra, de forma simbólica, o percurso de crescimento emocional, promovendo a integração entre os aspectos racionais e afetivos da personalidade.

**Palavras-chave:** psicanálise; conto de fadas; desenvolvimento infantil; matéria literária.

**Abstract:** *This analysis proposes a psychoanalytic reading of the fairy tale The Frog King by the Brothers Grimm, based on the theoretical contributions of Bruno Bettelheim (2002), who interprets fairy tales as fundamental to children's emotional development. The analysis highlights the linear narrative structure, the archetypal function of the characters, and the symbolic role of natural and social spaces in the formation of subjectivity. The animal-groom cycle is interpreted as a metaphor for the process of psychosexual maturation, in which initial repulsion transforms into acceptance and desire. This research, which is bibliographic, explanatory, and interpretative in nature, emphasizes how the narrative aids in the elaboration of internal conflicts, allowing children to understand and overcome emotional dilemmas. It concludes that The Frog King symbolically illustrates the journey of emotional growth, promoting the integration of the rational and emotional aspects of personality.*

**Keywords:** *psychoanalysis; fairy tale; child development; literary material.*

Submetido em: 30.5.2025  
Aceito para publicação em: 14.6.2025



É permitido compartilhar (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) este material, desde que citada a autoria e observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.

<sup>i</sup> Graduada em Letras Língua Portuguesa, Língua Inglesa e suas Respectivas Literaturas, pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). *E-mail:* aline\_mfreitass@hotmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9218440304940877>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9102-1832>.

<sup>ii</sup> Graduado em Letras Português/Inglês e Literaturas pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), e, recentemente, está se especializando em Literatura Brasileira. *E-mail:* thiagosilvaueg@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0009324130239248>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1874-5017>.

<sup>iii</sup> Doutora em Letras e docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Pós-doutorado em Literatura e Hipermídia (UFP-Porto) e Arte e Cultura Visual (UFG). *E-mail:* deboraphd@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8161644325166070>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7671-7743>.

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma análise do conto *O Rei Sapo*, dos Irmãos Grimm, sob a perspectiva da interpretação psicanalítica e literária, cuja abordagem visa compreender como as narrativas simbólicas atuam no desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. Nossa leitura fundamenta-se prioritariamente nos pressupostos teóricos de Bruno Bettelheim (2002), que interpreta os contos de fadas como instrumentos indispensáveis à formação psíquica e moral do sujeito infantil. Assim, buscamos demonstrar como o conto analisado oferece mediações simbólicas para a resolução de conflitos internos e contribui significativamente para o processo de amadurecimento da personalidade.

Efetivamente, a literatura psicanalítica, enquanto campo de estudo, busca investigar as funções psicológicas e pedagógicas das narrativas, especialmente aquelas de natureza mítica e fabulosa, como os contos de fadas. Para Bettelheim (2002), essas histórias oferecem à criança um espaço simbólico seguro para a projeção de seus desejos inconscientes, bem como a oportunidade de elaborar conflitos psíquicos inerentes ao processo de desenvolvimento. Diferentemente de abordagens racionalistas e moralizantes, a literatura psicanalítica reconhece na fantasia uma via legítima e necessária para a constituição da subjetividade, favorecendo a integração gradual entre os impulsos do id, as mediações do ego e as exigências do superego (Bettelheim, 2002).

Segundo Bettelheim (2002), a estrutura simbólica dos contos de fadas é especialmente adequada para lidar com os conteúdos inconscientes, de forma não ameaçadora, permitindo que a criança, através da identificação com os personagens, experimente soluções possíveis para seus dilemas internos. O autor destaca que, ao apresentar desafios e provações, os contos orientam a criança sobre a necessidade de superar etapas, tolerar frustrações e buscar a realização pessoal. Assim, a literatura, ao articular narrativa e simbolização, oferece ao sujeito infantil não apenas entretenimento, mas, sobretudo, um roteiro de amadurecimento emocional e moral, imprescindível ao seu desenvolvimento saudável.

No contexto desta análise, *O Rei Sapo* se apresenta como um texto exemplar para ilustrar os mecanismos descritos por Bettelheim (2002). A narrativa aborda temas centrais como o desejo, a repulsa e a transformação, articulados simbolicamente através da figura do sapo, que, inicialmente, provoca nojo na princesa, mas que, ao ser aceito, revela-se como objeto de desejo e amor. Esta dinâmica expressa, de forma metafórica, o percurso do amadurecimento psicosexual, em que impulsos inicialmente rejeitados são gradualmente

integrados ao *self*, promovendo o crescimento emocional. O título do artigo, "O nojo, o beijo e o desejo", sintetiza precisamente esse itinerário simbólico.

A escolha deste conto para análise se justifica não apenas pela riqueza de seus elementos simbólicos, mas também pela sua relevância enquanto dispositivo pedagógico e terapêutico. Conforme Bettelheim (2002), narrativas como *O Rei Sapo* permitem à criança confrontar e elaborar, de maneira lúdica e segura, conteúdos psíquicos complexos, como o medo da sexualidade, a necessidade de cumprir promessas e a superação do narcisismo infantil. Dessa maneira, a crítica psicanalítica revela-se um campo privilegiado para compreender como a linguagem simbólica auxilia na organização da vida emocional e social da criança.

Desta forma, nossas reflexões, nesse artigo, serão explicitadas em três tópicos: no primeiro, apresentaremos um resumo do conto, buscando familiarizar o leitor com os principais acontecimentos da narrativa. Em seguida, analisaremos a matéria literária e seus fatores estruturantes - tais como personagens, espaço, tempo, linguagem e função simbólica, dentre outros - articulando-os ao título deste trabalho e, por fim, procederemos à análise do conto, a partir de uma leitura que mescla fundamentos da psicanálise, conforme a teoria de Bruno Bettelheim (2002), com conceitos da crítica literária, voltada à literatura infantil. Por fim, nas considerações finais, revisitaremos as reflexões desenvolvidas ao longo do texto, a fim de retomar os principais pontos discutidos.

## 2 ERA UMA VEZ... CONTANDO UM CONTO

O conto *O Rei Sapo*, dos Irmãos Grimm, apresenta uma narrativa centrada na transformação simbólica de um ser animalizado em figura humana por meio da interação com uma princesa. A história tem início quando a jovem, pertencente à nobreza, perde seu objeto mais precioso - uma bola dourada - em um poço profundo. Em meio ao desespero, um sapo lhe oferece ajuda em troca da promessa de companhia e acolhimento. Embora a princesa aceite o acordo em um gesto impulsivo, ela não pretende cumpri-lo. No entanto, o sapo reaparece no castelo, exigindo a concretização do pacto, o que gera resistência e repulsa por parte da jovem. A narrativa explora o conflito entre o desejo inconsciente e a aversão consciente diante do estranho, do desconhecido e do não familiar. Conforme a história se desenrola, a princesa é pressionada pelo rei - seu pai - a respeitar sua palavra, o que a leva, ainda contrariada, a permitir a presença do sapo à mesa e, posteriormente, em seus aposentos. O clímax ocorre quando, tomada por nojo e frustração, ela atira o sapo contra a parede,

momento em que ele se transforma em um príncipe. Essa metamorfose revela-se como a resolução simbólica de um encantamento, apenas possível mediante o enfrentamento do desconforto e da alteridade. A estrutura narrativa do conto permite diversas interpretações psicanalíticas e culturais, especialmente no que diz respeito à integração de aspectos negados da subjetividade e à elaboração de conteúdos inconscientes relacionados ao amadurecimento emocional e sexual.

É notório lembrar que no conto há a manifestação do chamado ciclo do noivo-animal, analisado por Bettelheim como símbolo de amadurecimento psicosssexual infantil, no qual se enfrenta a relação animalizada para que ela se torne humana (Bettelheim, 2002). Nessa perspectiva, o sapo representa o aspecto inicial e repulsivo da sexualidade, tal como é percebida pela criança – algo estranho, pegajoso, animalesco. Entretanto, ao longo da narrativa, essa figura grotesca se transforma em um belo príncipe, revelando um processo de metamorfose tanto interna quanto afetiva. Interna, por remeter à maturação subjetiva e ao reconhecimento da própria transformação; afetiva, por implicar o acolhimento de impulsos e desejos até então vistos como indesejáveis ou perturbadores. O conto oferece, assim, uma via inconsciente para a criança compreender que o sexo, embora inicialmente desconcertante, pode se revelar belo e desejável no tempo certo. Bettelheim (2002) vê nesse ciclo uma pedagogia simbólica, que respeita o ritmo do desenvolvimento infantil. Em vez de impor verdades racionais, a história atua no inconsciente por meio da fantasia e da identificação, reais ou imaginárias do seu próprio corpo.

Na narrativa apresentada, acompanhamos a história de uma jovem princesa que, diante de uma promessa feita ao sapo, que a ajudara em momento de aflição, vê-se obrigada a cumprir com sua palavra. O sapo, que anteriormente havia recuperado um objeto valioso para a princesa, exige agora ser tratado com igualdade, solicitando abrigo em seu quarto e o conforto de dormir em sua cama de seda. A princesa, tomada de nojo e repulsa diante da aparência gélida e repugnante do animal, resiste à ideia, chorando copiosamente. Contudo, o Rei, seu pai, a repreende severamente, lembrando-lhe que não se deve desprezar quem foi útil em momento de necessidade. Sem alternativas, ela, contrariada, cumpre o trato e leva o sapo consigo, jogando-o em um canto do quarto com desprezo.

Mais tarde, quando se preparava para dormir, o sapo voltou a exigir proximidade, ameaçando chamar o Rei caso não fosse atendido. Enfurecida, a princesa o arremessa contra a parede com violência, desejando livrar-se de vez daquele incômodo. Para sua surpresa, ao bater no chão, o sapo se transforma num belo príncipe de olhar doce e terno, revelando que

fora enfeitado por uma bruxa e que apenas ela, a princesa, poderia quebrar o feitiço. Com isso, decidem partir juntos, no dia seguinte, para o reino do agora jovem Rei.

Ao amanhecer, chega uma esplêndida carruagem puxada por oito cavalos brancos, adornados com penas de avestruz e arreios dourados. Nela vinha o fiel Henrique, escudeiro do príncipe, que havia sofrido profundamente com a maldição do amo, a ponto de mandar colocar três aros de ouro em seu próprio coração para impedir que este se rompesse de dor. Durante o trajeto de volta ao reino, ouvem-se estalos que o príncipe interpreta como falhas na carruagem, mas Henrique o tranquiliza, explicando que os sons provinham dos aros que se partiam em seu peito, agora libertos da tristeza, pois seu Senhor estava enfim salvo e feliz. Assim, a história culmina na redenção do príncipe e na fidelidade de seus afetos, celebrando o poder do cumprimento da palavra, da coragem e do amor fiel.

Para concluir este tópico, o resumo de *O Rei Sapo* nos apresenta a base essencial para as análises posteriores. A história, com sua simbologia e transformação, prepara o terreno para entendermos as questões psicanalíticas e literárias abordadas. Assim, encerramos este momento de exposição da trama para avançar na reflexão sobre seus significados mais profundos.

### **3 ERA UMA VEZ... LIGANDO OS PONTOS**

O conto *O Rei Sapo*, dos Irmãos Grimm (2014), remonta às narrativas primordiais, contadas por narradores anônimos, em volta da fogueira. Seu aspecto folclórico, popular, ressalta pelo colorido das efabulações, pela emergência de seres e animais mágicos, pelas ricas alegorias e simbolizações.

Nesse gênero de relato, percebe-se a presença de um narrador primordial, “o contador-de-histórias”, alguém que não se apresenta como autor, como inventor dos fatos narrados, mas que os presenciou ou ouviu de outros que os contaram. Esta é sem dúvida uma ferramenta poderosa na literatura infantil, ao permitir que as crianças observem o desenrolar dos eventos de maneira clara, com foco narrativo externo e objetivo, por meio das ações e comportamentos das personagens, sem a necessidade de mergulhar nas complexas camadas de subjetividade, como Nelly Novaes (1984, p. 66) aponta no seu texto: “externo, porque o narrador se mantém fora dos fatos que estão sendo narrados e objetivo, porque aprendeu tudo com objetividade isto é permanece no exterior sem para entrar na subjetividade dos personagens”. Assim, tem-se a narração de uma visão primordial da história, quase como se o narrador fosse um observador distante, permitindo que os jovens leitores formem suas

próprias interpretações e reações emocionais. Ao destacar o “fazer” em vez do “sentir”, o texto convida as crianças a desenvolverem empatia, facilitando uma conexão mais intuitiva e imaginativa com o enredo.

Assim, sobre o narrador, Zilberman (2003, p. 43) destaca:

O narrador consiste em uma figura-chave ao exercer atividades desencadeadoras da narrativa, pois ao proporcionar situações imaginárias favorecendo a fantasia, ele está criando um cenário no qual o herói resolve dilemas pessoais ou sociais. Além de o narrador desencadear a ativação do imaginário das crianças, ele precisa dar coerência na história e nos conflitos que apresentam o conto.

As personagens, conforme a tipologia de Forster (2005), são predominantemente planos, no entanto, no conto há a presença de personagens-caráter; como a princesa, que, ao quebrar sua promessa, transita do nojo ao desejo - movimento que sugere certa complexidade psicológica e de maturação. Em contraste, o rei permanece como uma figura tipificada, que representa a exigência moral pelo cumprimento da palavra. E assim ambos são facilmente reconhecíveis pelo leitor, mas apenas a princesa apresenta um vislumbre de profundidade interior, aproximando-se, ainda que discretamente, do caráter redondo.

Consonantemente, o Sapo, e o Henrique, o servo fiel, apresentam uma dimensão transformadora, revelando-se, também, como personagens-caráter, ou seja, redondas. Ao contrário das personagens planas, cuja caracterização permanece estática, ambos se destacam por sua complexidade ao longo da narrativa, conforme salienta Coelho (1984). Argumenta-se que essa evolução não é apenas física, mas também emocional, o que confere profundidade às suas ações e interações. A transformação do Sapo e a lealdade inabalável de Henrique, que vai além do convencional, criam uma coesão natural na história, oferecendo uma visão mais ampla e coerente das relações e do impacto das mudanças internas (os sentimentos) e externas (a maldição e o ferro no coração). Essa transformação confere a essas personagens uma profundidade mágica e simbólica, destacando o aspecto existencial da narrativa. Isto é, “a criança recebe informação que fala a ambas as partes de sua personalidade nascente – a racional e a emocional” (Bettelheim, 2002, p. 57).

A princesa, enquanto protagonista da narrativa *O Rei Sapo*, apresenta-se como uma personagem esférica (redonda), cuja complexidade psicológica se manifesta progressivamente ao longo do enredo. Diferentemente das personagens planas, que permanecem inalteradas do início ao fim da narrativa, a princesa sofre uma notável transformação interna, que vai além da mera ação superficial. Inicialmente marcada por traços narcisistas e infantis - evidenciados pelo apego ao objeto simbólico da bola dourada e pela quebra impulsiva da promessa feita ao

sapo -, a personagem revela uma personalidade em estado bruto, movida por impulsos imediatistas e pela recusa do outro, sobretudo quando este é representado pelo grotesco e pelo repulsivo. Entretanto, conforme a interação com o sapo se intensifica, impondo-lhe a necessidade de cumprir a palavra dada, evidencia-se uma trajetória de amadurecimento, na qual sentimentos antagônicos, como o nojo e a resistência, cedem espaço à aceitação e à afetividade. Assim, a princesa transcende a unidimensionalidade, pois sua evolução implica tanto um deslocamento ético quanto uma reconfiguração de sua subjetividade, aspectos que a consolidam como uma personagem de natureza esférica.

Ademais, o percurso da princesa reflete um processo simbólico de integração de aspectos rejeitados da psique, típico das personagens redondas conforme a tipologia proposta por Forster (2005). Sua resistência inicial ao sapo, motivada por uma repulsa instintiva, é gradualmente superada à medida que a convivência forçada a confrontar com a alteridade, promovendo a reconfiguração de seu repertório afetivo. Este deslocamento culmina na cena em que, ao lançar o sapo contra a parede, desencadeia a revelação de sua verdadeira natureza, provocando não apenas a transformação do outro, mas também a sua própria metamorfose subjetiva. Tal movimento evidencia a superação do egocentrismo infantil e a abertura para vínculos afetivos mediados por uma ética do reconhecimento e da responsabilidade. Assim, a princesa emerge como uma personagem esférica não apenas pelo dinamismo de suas ações, mas, sobretudo, pela densidade emocional e psicológica que orienta sua trajetória, configurando-se como um exemplo paradigmático da complexidade subjetiva nas narrativas de tradição oral.

O espaço no conto também desempenha um papel significativo, dividindo-se entre o natural e o social. O bosque, o poço, a tília e o sol representam o espaço natural, simbolizando liberdade e vitalidade, enquanto o castelo, o quarto e a carruagem de Henrique representam o espaço social. Esses cenários ultrapassam sua funcionalidade literal para adquirir significados simbólicos. O quarto, por exemplo, onde a princesa é forçada a aceitar o sapo, pode ser visto como um espaço de intimidade e transformação, onde ocorre a superação da repulsa e o reconhecimento do outro.

Por seu turno, ainda, a professora Fanny Abramovich (2006, p. 120) evidencia:

Os contos se passam num lugar que é apenas esboçado, fora dos limites do tempo e do espaço, mas onde qualquer um pode caminhar... [...] porque todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias). [...] Há referências ao amanhecer e à passagem de dias, porém, o conto se ancora no "era uma vez", que

insere a narrativa num tempo mítico, sem precisão cronológica, reforçando o caráter atemporal das lições existenciais dos envolvidos.

Desse modo, nota-se que a linguagem utilizada é repleta de metáforas e simbologias, características dos contos de fadas, que abordam questões universais por meio de elementos aparentemente simples. O conto evoca um passado distante, onde a ação narrativa se desenrola em espaços com uma qualidade quase transcendental, conectando o leitor a questões emocionais e existenciais através da magia e da transformação. Ou seja, é uma linguagem simples, do homem comum, que faz parte da estruturação da matéria literária, como instrumento de fascínio e persuasão.

Como destaca Coelho (1984, p. 77) sobre a linguagem narrativa:

A linguagem narrativa pode ser realista ou metafórica (simbólica): é metafórica quando expressa uma realidade X, queremos significar uma realidade Y. Desde os primórdios, a linguagem metafórica foi escolhida como privilegiada para a comunicação de valores aos homens: por ser uma linguagem que fala por imagem e assim comunicar com mais facilidade as idéias abstratas.

Assim, podemos refletir sobre a efabulação, ou seja, a construção da narrativa, que envolve o desenvolvimento e o ritmo da ação. Na literatura infantil, a estrutura mais adequada geralmente é linear, seguindo a sequência natural dos acontecimentos - início, meio e fim. É como contar uma história de maneira simples e clara. No entanto, os Irmãos Grimm (2014) nos oferecem uma nova perspectiva sobre a contação de histórias em *O Rei Sapo*. Bruno Bettelheim (2002), por exemplo, menciona que há três versões estendidas desse conto, o que nos faz perceber a riqueza dessa narrativa. Embora seja um conto de fadas, que termina com um final feliz, o simples ato de contar uma história pode revelar camadas mais profundas e emocionantes, mesmo para o público infanto-juvenil. Nesse sentido, Bettelheim (2002) salienta que o final feliz é a característica dos contos de fadas, que reassegura a esperança humana na resolução de todos os conflitos da vida.

Bettelheim (2002, p. 97) enfatiza sobre esse conflito interno:

Cada conto profeta no seu final "feliz" a integração de algum conflito interno. Dado que existem inúmeros contos de fadas, cada um apresentando uma forma diferente de um conflito básico como tema, em conjunto estas estórias demonstram que na vida encontramos muitos conflitos que devemos dominar, cada um de uma vez.

Destacando algumas análises psicanalíticas de Bettelheim (2002), cabe ressaltar os seguintes aspectos: a criança guia-se muito por aquilo que lhe dá prazer, pois suas atitudes buscam suprir suas próprias vontades, aspecto característico dos conceitos de "id" e "ego",

abordados por Freud (1997). Assim, Bettelheim (2002) considera justamente porque a vida é, com frequência, desconcertante para a criança, que ela necessita, mais ainda, que lhe seja dada a oportunidade de entender a si própria, nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para que possa fazê-lo, precisa que a ajudem a dar um sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de ideias sobre como colocar ordem na sua casa interior e, com base nisso, poder dar ordem à sua vida.

Nesse processo, torna-se fulcral uma educação que não seja apenas cognitiva, mas que contemple, de maneira sutil e implícita, a dimensão moral, sentimental, comportamental, social, entre outros. Trata-se de uma formação corpo-emocional-social-pensante, que conduza a criança, de forma gradual e sensível, ao reconhecimento das vantagens do comportamento ético, do respeito mútuo, do diálogo e da escuta sensível, do pertencimento e do autoconhecimento, do sentimento e do acolhimento, da alegria e da frustração, do medo e da coragem, da limitação e da superação, da convivência e da solidariedade. Ao mesmo tempo, essa educação deve acolher e valorizar o universo afetivo da criança, ajudando-a a compreender seus sentimentos, a lidar com suas emoções e a estabelecer relações saudáveis consigo mesma e com o outro.

Desta forma, Bettelheim (2007, p. 61) afirma:

Só escutando repetidamente um conto de fadas e sendo dado tempo e oportunidade para demorar-se nele, uma criança é capaz de aproveitar integralmente o que a estória tem a lhe oferecer com respeito à compreensão de si mesma e de sua experiência de mundo. Só então as associações livres da criança com a estória fornecem-lhe o significado mais pessoal e assim ajudam-na a lidar com problemas que a oprimem.

Efetivamente, no conto *O Rei Sapo* a princesa faz promessas ao sapo sem se preocupar em cumpri-las, pois seu intuito era ter seu brinquedo (a bola dourada) de volta, satisfazendo o seu desejo. O rei que, atuando como pai (ou como superego), regulará isso e trará a filha para a realidade, que é: cumprir as promessas feitas e assim amadurecer, superando o comportamento infantil, guiado apenas pelas vontades da criança.

Bettelheim (2002, p. 8) afirma que:

Para dominar os problemas psicológicos do crescimento – superar decepções narcisistas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, ser capaz de abandonar dependências infantis; obter um sentimento de individualidade e de autovalorização, e um sentido de obrigação moral – a criança necessita entender o que está se passando dentro de seu inconsciente.

Nesse contexto, de acordo com Bettelheim (2002), o ciclo do noivo-animal caracteriza-se por três traços recorrentes: a) a justificativa da transformação em animal é desconhecida, por mais que seja comum nos contos de fadas fornecer uma explicação; b) a feiticeira é quem realiza a transformação e c) o pai é a figura que une a heroína à fera ou ao animal. A priori, o noivo é transformado em animal, sendo representado como essa criatura estranha, fonte de repulsa e não atrativa. Com o passar do tempo e com a progressão da intimidade entre a princesa e o sapo, este se transformará em humano novamente e se tornará belo, agradável e desejado. Tal representação trabalha no inconsciente infantil, de forma implícita, o ato sexual que, para a criança é repulsivo e asqueroso, mas que, com o seu desenvolvimento físico e psicológico, mudará; ou seja, no momento certo, as relações íntimas se transformarão em algo prazeroso e até mesmo belo.

Nesse sentido Bettelheim (2002, p. 303) assevera:

De certa forma a estória diz que, para podermos amar, precisamos primeiro ser capazes de sentir; mesmo se os sentimentos são negativos, isso é melhor do que não sentir. No começo, a princesa é inteiramente auto-referente; todo o seu interesse está na bola. Não sente nada quando planeja voltar atrás na promessa feita ao sapo, absolutamente não pensa no que isto possa significar para ele. [...] Em outro nível a estória diz que não podemos esperar que nossos primeiros contatos eróticos sejam agradáveis, pois são demasiados difíceis e estão cercados de ansiedade. Mas se prosseguirmos, apesar de uma repugnância temporária, permitindo que o outro se torne sempre mais íntimo, em algum momento vivenciaremos um choque feliz de reconhecimento quando a intimidade completa revelar a verdadeira beleza da sexualidade.

Dessa maneira, percebe-se a transformação da princesa em sua relação com sapo, e Bettelheim acrescenta:

[..] deve-se transmitir às crianças que o sexo pode de início parecer repulsivo como um animal, mas quando encontramos a maneira certa de nos aproximarmos dele, a beleza surge sob a aparência repulsiva. Aqui o conto de fadas, sem sequer mencionar ou aludir a experiências propriamente sexuais, tem maior consistência psicológica do que muito de nossa educação sexual consciente (Bettelheim, 2002, p. 305).

Assim, a bola simboliza a psique imatura e narcisista da princesa, sendo que o formato esférico denota perfeição tanto por ser feita de material precioso ouro quanto como esfera. Quando a bola de ouro cai na água, a jovem é trazida à realidade. Como aponta Bettelheim (2002), a história enfatiza as dificuldades que encontramos na vida: atingir a maturidade sexual, adquirir a independência e a autorrealização. Nesta história, o processo de maturação parece bem acelerado, uma vez que perigos precisam ser vencidos, provações suportadas, decisões tomadas. Contudo, a história diz que, se permanecermos fiéis a nós mesmos e a

nossos valores, por mais que as coisas pareçam desesperadoras durante algum tempo, haverá um final feliz, como aponta o psicanalista citado: “o conto de fadas projeta o alívio de todas as pressões e não só oferece formas de resolver os problemas, mas promete uma solução "feliz" para eles (Bettelheim, 2002, p. 36).

A figura do sapo, esse animal pegajoso e socialmente considerado feio, faz relação com o aspecto viscoso e causador de asco para a criança, das relações sexuais, que, no entanto, passa por metamorfose, saindo da fase inicial de girino até concluir todo o processo. Isso demonstra que o sexo, inicialmente visto de maneira negativa, no momento certo, se metamorfoseia em algo positivo. Mas como bem lembra Bettelheim (2002, p. 204) “é difícil imaginar uma forma mais adequada para transmitir à criança que ela não precisa temer os aspectos repugnantes (para ela) do sexo”.

A partir dessa ideia, Bettelheim (2002) salienta que a criança, à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isso, tornar-se mais capaz de entender os outros e, eventualmente, poder se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa. O psicanalista, destaca também a importância dos símbolos e da simbolização no desenvolvimento psicológico, sugerindo que eles nos ajudam a encontrar sentido para nossos sentimentos e situações de vida, especialmente no caso das crianças. Segundo Bettelheim (2002), buscamos constantemente significados para os eventos da nossa vida e para os desafios que enfrentamos. Essa compreensão nos ajuda a lidar com as angústias naturais de crescimento, maturação e o desenvolvimento da própria personalidade, de maneira mais tranquila, vendo-as como parte do processo humano e não como crises devastadoras.

Bettelheim (2002, p. 85) reforça:

No final do conto, o animal é devolvido à sua forma humana; os dois se reúnem, para nunca mais serem separados. Este é o modo simbólico do conto de fadas apresentar os fatos essenciais do desenvolvimento da personalidade humana: a personalidade da criança de início é indiferenciada; depois, o id, ego e o superego se desenvolvem a partir do estágio indiferenciado. Num processo de maturação esses devem ser integrados, apesar de impulsos opostos.

Para Bettelheim (2002), os contos de fadas desempenham um papel crucial nesse processo, pois eles apresentam de forma mágica os desafios e as conquistas da vida e do crescimento pessoal da criança, com a compreensão deles mesmos e do mundo. Ele considera que os contos de fadas são literaturas enriquecedoras, tanto para a criança, quanto para o adulto, mesmo que muitas dessas histórias pouco tenham relação com a contemporaneidade, já que foram criadas séculos antes. Porém, através delas é possível compreender problemas e

encontrar soluções para os conflitos que assolam, além do indivíduo, a sociedade (Candido, 2021).

Por outro lado, esses contos costumam evitar figuras dúbias, mostrando-nos os aspectos bons e maus de forma separada. Isso ajuda as crianças a lidarem com a ambiguidade, permitindo que elas compreendam e integrem esses aspectos mais tarde. Nota-se que crianças pequenas tendem a se identificar com o herói dos contos não apenas pela qualidade que ele representa, mas pela conexão pessoal que sentem com ele, ajudando-a a resolver seus dilemas. A compreensão de como se dá o processo de simbolização nos conduz a localizar de modo mais preciso como ocorre esse alívio propiciado pela história. Contar histórias não é apenas mais uma maneira de promover uma atividade prazerosa à criança, é, sobretudo, uma forma de ampará-la em suas angústias. Conforme destaca Bettelheim (2002, p 23) sobre os contos de fadas: “Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o caráter”

Bettelheim (2002) nos explica sobre o potencial desses contos de fadas para traduzirem o que passa conosco, e é nítido nesse conto e nas análises dos autores, sobretudo, desse crítico, a questão da maturação e do crescimento emocional das crianças. Ou seja, podemos dizer que as crianças, quando ouvem ou leem uma narrativa, ela começa a recriar e reorganizar o seu próprio imaginário. Assim, possibilitando novas dimensões e descobertas em seu universo afetivo.

Outrossim, para Bettelheim (2002), a dinâmica afetiva expressa em *O Rei Sapo* revela-se essencial para compreender a articulação entre “o nojo, o beijo e o desejo” como metáforas do processo de amadurecimento psicosssexual e emocional da criança. A repulsa inicial, expressa pelo nojo, denota a rejeição instintiva a aspectos ainda não integrados do ser, especialmente os relacionados à sexualidade e à alteridade. A mediação do beijo como rito simbólico de passagem evidencia o movimento psíquico em direção à aceitação do outro e, por extensão, à própria maturação interna. O desejo, por sua vez, aparece como culminância desse processo, quando a figura inicialmente repelida se transforma em objeto de afeto e amor. Esse itinerário é favorecido pela estrutura narrativa linear e simbólica do conto, conforme salientam Coelho (1984) e Zilberman (2003), que identificam nos contos de fadas uma organização formal que favorece a ativação do imaginário e a resolução simbólica de dilemas psíquicos fundamentais.

Nesse sentido, Nelly Novaes Coelho (1984) contribui, de maneira significativa, ao destacar a função arquetípica das personagens nos contos de fadas, as quais operam, em sua

maioria, como tipos fixos e estereotipados ou, ocasionalmente, como esféricos e complexos, provocando a identificação imediata por parte do leitor infantil. No caso de *O Rei Sapo*, a princesa representa a figura narcisista e imatura, que busca satisfazer seus desejos sem considerar as implicações éticas ou afetivas de suas ações, enquanto o sapo encarna a alteridade inicialmente repelida, mas que, ao longo da narrativa, se revela como parte essencial do processo de crescimento. A simbologia do espaço, conforme analisado por Coelho (1984) e Abramovich (2006), também desempenha um papel central nesse percurso, uma vez que os ambientes naturais (o bosque, o poço) representam a dimensão instintiva e vital, enquanto os espaços sociais (o castelo, o quarto) correspondem à esfera das normas e da civilização. Assim, a transição da princesa entre esses espaços metaforiza sua própria jornada psíquica: do narcisismo ao reconhecimento do outro, do nojo ao desejo.

Por fim, é necessário ressaltar que a proposta desta análise, ao articular a teoria psicanalítica de Bettelheim com os aportes críticos de Coelho, Zilberman e Abramovich, visou evidenciar, como no título "O nojo, o beijo e o desejo", de maneira precisa e evocativa, as principais etapas do processo de subjetivação infantil retratado na narrativa. A análise, de viés interpretativista e simbólico do texto infantil, se sustenta na compreensão de que os contos de fadas são dispositivos privilegiados para a elaboração simbólica de conteúdos psíquicos complexos, funcionando como instrumentos de mediação entre o mundo interno da criança e as exigências da realidade social.

Como enfatiza Bettelheim (2002), o conto não apenas projeta um final feliz, mas, sobretudo, orienta a criança na difícil tarefa de integrar os impulsos conflitantes que compõem sua estrutura psíquica. Assim, o nojo inicial não é um obstáculo, mas uma etapa necessária para o reconhecimento do desejo, mediado pelo gesto simbólico do beijo, cuja potência transformadora reside justamente na capacidade de promover a integração entre o eu e o outro, entre o medo e o amor, entre o instinto e a cultura.

Efetivamente, nesta análise, buscamos não apenas interpretar o conto *O Rei Sapo*, sob a ótica da psicanálise, mas também evidenciar como a literatura infantil, através de sua estrutura simbólica, pode ser mobilizada como ferramenta de apoio ao desenvolvimento psíquico infantil. Ao articular o nojo inicial, o beijo como rito de passagem e o desejo como expressão da aceitação do outro, a narrativa analisada exemplifica o potencial formativo dos contos de fadas, corroborando a tese de Bettelheim sobre a função educativa e terapêutica da fantasia na infância.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desse breve percurso de leitura do conto *O Rei Sapo*, procuramos evidenciar como as narrativas infantis, embora aparentemente simples, comportam camadas profundas de sentido, especialmente quando lidas à luz da teoria psicanalítica de Bruno Bettelheim (2002). Com base nisso, a análise psicossocial das personagens se revelou um campo fértil para compreender os processos de amadurecimento infantil. Dessa maneira, os sentimentos de repulsa, desejo, medo e aceitação, tão presentes no enredo, funcionam como símbolos dos conflitos internos da criança em desenvolvimento. Ressaltamos, assim, que os contos de fadas, longe de serem meramente recreativos, operam como instrumentos de elaboração psíquica.

Ademais, ao voltarmos para os elementos constituintes da matéria literária, pudemos refletir, com os fundamentos psicológicos apontados por Bettelheim, sobre as implicações dessas narrativas para o amadurecimento infantil. Essa abordagem interseccional permitiu-nos observar que o conto não apenas narra uma história, mas estrutura, por meio de sua forma literária, a experiência simbólica de passagem da infância à maturidade. Efetivamente, a ambientação do castelo, o tempo mítico e as transformações dos personagens não são detalhes acessórios, mas articuladores essenciais do imaginário infantil. Portanto, a fabulação cumpre não apenas um papel narrativo, mas também formativo e psíquico.

Contudo, reconhecemos que o presente estudo não esgota as possibilidades interpretativas do conto. *O Rei Sapo*, como outros contos tradicionais, abre-se a múltiplas leituras - sociais, históricas, simbólicas, linguísticas -, o que evidencia a riqueza da literatura oral e sua permanência nos debates. E é inegável que a literatura, sobretudo a infantil, é um meio de expressão de sentimentos e ideias que orienta a criança no desenvolvimento emocional, intelectual e psicossocial de sua personalidade, atendendo às suas necessidades e favorecendo sua maturidade. Por conseguinte, ao elegermos a lente psicanalítica para nosso percurso investigativo, não negamos outras abordagens, mas delineamos um recorte teórico que julgamos pertinente para refletir sobre os processos de subjetivação infantil. Assim, nossa análise propôs, mais que respostas prontas e artificiais, caminhos possíveis de leitura e reflexão.

Sendo assim, esperamos que esta pesquisa possa contribuir, ainda que modestamente, para o aprofundamento da leitura psicanalítica no campo literário. Em tempos em que o ensino da literatura enfrenta inúmeros desafios, resgatar os contos de fadas como dispositivos simbólicos de formação subjetiva e emocional é também reafirmar o papel da arte na

constituição do ser. Pelos sertões ou cidades, na infância ou na maturidade, a palavra fabuladora continua sendo necessária. Que este trabalho inspire outros olhares, outras vozes e, sobretudo, outras escutas sensíveis ao que há de humano nos textos que nos contam.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 2006.

ANTONIO, C. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Todavia, 2021.

BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. 16<sup>o</sup> ed. Tradução Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

COELHO, N. *Literatura infantil: história, teoria, análise*. São Paulo: Quíron, 1984.

FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Tradução Maria Helena Martins. 2. Ed. São Paulo: Globo, 2005.

FREUD, S. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago; 1997.

GRIMM; W; J. *Contos dos Irmãos Grimm*. Tradução Tatiana Belinky. Rio de Janeiro: Paulus Editora, 2014.

ZILBERMAN, R. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Globo, 2003.